ECKERT-HOFF, Beatriz Maria; LUPIA, Márcia de Oliveira. Aqui ou lá? Lá ou aqui? Discurso e identidade na Mooca. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.92-105, 2019. (ISSN: 2317-1006 - online).

AQUI OU LÁ? LÁ OU AQUI? DISCURSO E IDENTIDADE NA MOOCA

HERE OR THERE? THERE OR HERE? DISCOURSE AND IDENTITY IN MOOCA

Beatriz Maria Eckert-Hoff[1]
Márcia de Oliveira Lupia[2]

RESUMO: Este artigo tem por objetivo investigar de que maneira língua e cultura italianas vêm influenciando a constituição da identidade do grupo de pessoas residentes no bairro da Mooca, São Paulo, e como isso se produz via discurso. O *corpus* deste estudo é composto por recortes discursivos extraídos de entrevistas feitas com italianos residentes nesse bairro. Tendo como aporte teórico e metodológico os estudos da Análise do Discurso de linha francesa, nosso olhar se dirige aos dizeres de sujeitos italianos que se encontram entre-línguas, para mostrar o entrelaçamento das línguas na constituição da memória, da identidade, da formação linguística. Pelos gestos de interpretação do *corpus*, pudemos depreender que o ser e estar entre-línguas e culturas como marca constitutiva da identidade dos sujeitos do bairro incita efeitos de um não-lugar, de um sujeito que se encontra à deriva, em busca de uma filiação.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Identidade; Italianos.

ABSTRACT: This article aims to investigate how Italian language and culture have influenced the identity of the group of people that live in the neighborhood of Mooca, São Paulo, and how this is produced through discourse. The *corpus* of this study consists of discursive sequences extracted from interviews done with Italians who live in this neighborhood. Having as a theoretical and methodological contribution the studies of the French Speech Analysis, we look directed to the words of Italian subjects who are between-languages, to show the intertwining of languages in the constitution of memory, identity, and linguistic formation. By the gestures of interpretation of the *corpus*, we could deduce that being between languages as a constitutive mark of the identity of the subjects of the neighborhood incites the effects of a non-place, of a subject that is drifting, looking for a sonship.

KEYWORDS: Discourse; Identity; Italians.

Primeiras palavras...

As imigrações ocorridas entre o final do século XIX e início do século XX no Brasil são temas de diversos estudos de pesquisadores da Linguística e das Ciências Humanas e Sociais. A importância desses trabalhos justifica-se em razão de esses imigrantes terem feito parte da formação da população do país, deixando marcas culturais e linguísticas na memória e na identidade dos brasileiros.

Este artigo tem por base mais um desses estudos, a dissertação de mestrado intitulada "Discurso Memória e Identidade na Mooca: efeitos da imigração italiana"[3].

[1] Pós-Doutora pela USP/SP e pela Christian-Albrechts-Universität zu Kiel, Alemanha. É reitora do Centro Universitário do Distrito Federal-UDF e docente no Programa *Stricto Sensu*, Mestrado em Linguística da Universidade Cruzeiro do Sul/SP - UNICSUL. E-mail: beatriz.eckert@udf.edu.br.
[2] Mestre em Linguística pela Universidade Cruzeiro do Sul /SP - UNICSUL-São Paulo. É integrante do quadro de servidores da Universidade Federal do ABC- UFABC. E-mail: marcialupia@gmail.com.

Nela, por meio de recortes discursivos extraídos de entrevistas feitas com imigrantes e descendentes de italianos residentes no bairro da Mooca em São Paulo, a autora depara-se com os efeitos da imigração italiana: questões culturais, linguísticas e identitárias. Dentre elas, passaremos a expor e aprofundar aquelas relacionadas ao sujeito imigrante como sendo um sujeito "à deriva", sujeito em busca de uma filiação[4]. Dessa perspectiva, temos o objetivo de analisar no discurso desses imigrantes os traços da memória de seus ancestrais, investigando de que maneira a língua e os costumes italianos vêm influenciando a constituição identitária desses sujeitos e como isso se produz via discurso.

A fim de que possamos estudar essas marcas, faz-se necessária uma breve exposição relacionada às condições de produção discursivas; em seguida, discorreremos sobre o aparato teórico do qual utilizaremos para a análise dos recortes discursivos. Serão analisados recortes discursivos de dois entrevistados e após as análises, teceremos algumas reflexões finais acerca da exposição.

Condições de Produção

Com o intuito de suprir as necessidades de mão-de-obra decorrentes do processo de abolição da escravatura no país, o governo brasileiro passou a incentivar a vinda de imigrantes para o trabalho nas lavouras de café, produto cuja exportação trouxe muitas riquezas e desenvolvimento a estados como São Paulo. Consequentemente, o investimento desse dinheiro na capital paulistana ocasionou os impulsos necessários para o *boom* industrial: a economia monetária, instalação de energia elétrica e de ferrovias que passavam pela cidade (DEAN, 1971).

Concomitante a esses acontecimentos socioeconômicos em território brasileiro, a população da Península Itálica sofria as consequências do seu processo de unificação. A falta de recursos para sobrevivência de uma grande parcela dos italianos acabou por

[3] Dissertação de Márcia de Oliveira Lupia sob a orientação da Profa. Dra. Beatriz Eckert-Hoff. Projeto de Pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em 29/03/2017, parecer n° 1.989.495, CAAE n° 64381717.7.0000.8084.

[4] A fim de elucidação, utilizamos o termo "à deriva" emprestado de Payer (2015) em seu estudo sobre a imigração dos sírios à Costa da Europa e nossa referência à filiação é baseada em apontamentos de Calligaris (1991). Segundo o autor, o imigrante deixa em sua terra de origem, seu pai real, e vem em busca de um pai simbólico, um pai que o acolha e lhe dê aquilo que seu pai real não ofertou; entretanto, o imigrante não encontra conforto nos braços de seu pai simbólico e vive em uma constante busca por filiação.

levá-los a migrar para outros países em busca de melhores condições de vida. O Brasil era o destino mais procurado, já que possuía políticas de incentivo à vinda de imigrantes para o trabalho, inicialmente nas lavouras de café e posteriormente nas indústrias. Os ventos da esperança sopravam semanalmente no Porto de Gênova àqueles que se aventuravam a "fazer América".

Voltando-nos à capital paulista, período do início do século XX, passamos a considerar o grande contingente de imigrantes italianos concentrados nos trabalhos nas indústrias. Eram tantas pessoas vindas da Itália que

> um mineiro, ao visitar São Paulo em 1902, não pôde dominar seu espanto, e o historiador Aureliano Leite assim reproduziu suas impressões: 'Os meus ouvidos e meus olhos guardam cenas inesquecíveis. Não sei se a Itália o seria menos em São Paulo. No bonde, no teatro, na rua, na igreja, falava-se mais o idioma de Dante que o de Camões. Os maiores e mais numerosos comerciantes eram italianos. Os operários eram italianos (CENNI, 2003, p. 327).

Comerciantes, industriários e operários italianos somaram-se aos paulistanos que aqui se encontravam, multiplicando o número de habitantes da capital. Os efeitos da imigração italiana ainda podem ser observados em alguns pontos da cidade, tanto nas cicatrizes da língua de seus habitantes quanto nos costumes que essas pessoas carregam há gerações. Dentre esses pontos, nosso artigo elegeu como foco de estudo o bairro da Mooca, zona leste de São Paulo.

O bairro abrigou um dos maiores polos industriais da capital paulista, já que é um local de topografia plana, por onde passam o rio Tamanduateí e a linha férrea Santos-Jundiaí, estímulos necessários para o funcionamento das fábricas e escoamento de seus produtos. Ademais, a Mooca abriga o Museu da Imigração, Hospedaria de Imigrantes de outrora. Era na Hospedaria que os imigrantes recém-chegados recebiam os primeiros cuidados e, posteriormente, eram encaminhados para os seus locais de trabalho. A concentração do trabalho e das oportunidades de morada mais baratas em cortiços acabaram por trazer o maior número de imigrantes para a região, italianos em sua maioria, o que faz da Mooca um dos maiores redutos de italianos e descendentes de italianos na capital paulista.

Desse grupo de italianos imigrantes que fizeram parte do desenvolvimento industrial do bairro é que temos os sujeitos deste estudo. Os recortes discursivos analisados neste artigo são extraídos de entrevistas semiestruturadas feitas com

imigrantes italianos nascidos entre os anos de 1930 e 1940. Em acordo com Authier-Revuz (1998, p. 97), acreditamos que "o texto oral, em que não se podem suprimir as reformulações, deixa, mecanicamente, no fio do discurso, os traços do processo de produção". Segundo Eckert-Hoff (2008, p. 28), esses "traços que se manifestam pelo equívoco, pelas falhas, pelas rupturas da língua em relação ao sujeito, possíveis de serem capturados na relação intradiscurso e interdiscurso" são os pontos em que os sujeitos se (re)velam.

Partindo dessas cicatrizes no discurso, alicerçaremos nossas análises segundo o que propõe a Análise de Discurso de linha francesa, Pêcheux (1995) e Orlandi (2009), em consonância com as reflexões sobre sujeito e identidade de Robin (2016), além de percepções sobre autores do entre-línguas como Coracini (2007 e 2013), Celada e Payer (2016).

Bases teóricas

Partimos da acepção de que o discurso se realiza pela materialidade linguística, mas ele é exterior à língua. Segundo Pêcheux (1995, p. 85), o discurso "não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, um 'efeito de sentidos' entre os pontos A e B". Isso quer dizer que

> no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. (ORLANDI, 2009, p. 21).

Nessa perspectiva, temos a memória não como algo associado à lembrança, mas sim, a esquecimentos que silenciam sentidos outros. O apagamento de outros dizeres faz-se necessário para que o sujeito sinta que é a origem das palavras por ele proferidas, conferindo-lhe autenticidade e, de certa forma, conforto. De acordo com Pêcheux (1995), sabemos que os sentidos não são originários no sujeito, mas são por ele retomados de maneira inconsciente.

Esse sujeito da AD[5] é constatado a partir da afirmação de Althusser de que "a ideologia interpela os indivíduos em sujeito" (ALTHUSSER *apud* PÊCHEUX, 1995, p. 148). É um sujeito afetado pela ideologia, pela língua e pela história e, ao analisarmos o discurso por essa perspectiva, devemos considerar que o que se fala e se produz por esse sujeito é cravejado por vozes outras. Daí a importância de se vislumbrar a análise dos recortes discursivos em acordo com as condições de produção e entender que o discurso é heterogêneo. A noção de heterogeneidade discursiva trazida por Authier-Revuz (1990, p.27) ensina-nos que "nenhuma palavra é 'neutra', mas inevitavelmente 'carregada', 'ocupada', 'habitada', 'atravessada' pelos discursos nos quais 'viveu sua existência socialmente sustentada'". Temos, portanto, um sujeito-efeito da linguagem que fala.

Dentro desse escopo, trazemos a noção de identidade de Robin (2016, p. 419) em que o sujeito, camaleônico, pode assumir as posições dos outros que o constituem, "jogando ao mesmo tempo com 'escolhas' *à la carte* e com a fragmentação, a disseminação, a dispersão, a desconstrução do eu, em um jogo de espelhos que não há mais certeza, ancoragem estável, filiação garantida". Esse processo de mutação identitária nos traz um sujeito de pesquisa galgado na alteridade e na estranheza, cujo discurso é marcado pelo real e pela ficção. O ato de narrar-se por meio das vozes de outros, ser guiado pela lembrança e pelo esquecimento, remete-nos à Coracini (2007), que afirma que embora a reconstituição de um passado seja feita pelo sujeito que o viveu, não deixa de ser uma ficção de si, já que no momento da enunciação as experiências e conhecimentos adquiridos podem interferir na reconstrução da narração.

Somadas às considerações feitas acerca do que depreendemos por discurso, sujeito, memória e identidade, faz-se mister trazermos reflexões sobre os sujeitos entre-línguas e entre-culturas; isso porque, essa é uma das principais condições da constituição do sujeito imigrante, sujeito desta pesquisa.

Partindo do pressuposto de que somos constituídos na linguagem e pela linguagem e que essa ligação entre sujeito e língua se encontra na subjetividade, passemos a considerar as línguas não apenas como Língua Portuguesa e Língua Italiana, mas também como a língua italiana da casa dos avós, língua italiana *standard*[6], a língua

[5] Análise de Discurso.
[6] Refere-se à língua nacional utilizada na Itália.

portuguesa da escola, a língua falada no trabalho, o *brasiliano*; em suma, línguas italianas e portuguesas que constituem os sujeitos das nossas entrevistas.

Celada e Payer (2016) ensinam-nos que um sujeito se encontra entre-línguas quando está exposto em processos que o envolvam com as línguas das quais ele é constituído. Sendo assim, podemos considerar como um sujeito nesse entre-línguas o professor e o tradutor de línguas ao exercerem suas funções, um aluno em seus primeiros anos escolares que se encontra entre a língua de casa e a da escola, o (i)migrante num determinado país ao carregar consigo a sua língua materna e depara-se com a língua estrangeira. Nessas situações, "o sujeito da linguagem fica sujeito à dispersão, à contradição, à (des)continuidade - algo que afeta diretamente a imagem de uma língua una" (CELADA; PAYER, 2016, p. 28). Além do desmoronamento da ideia de língua una, devemos trazer à baila o pressuposto de que não há um limite, uma fronteira que se possa estabelecer entre as línguas que constituem o sujeito do entre-línguas.

Diante da exposição do alicerce teórico do qual nos utilizamos para lançar nossos gestos de interpretação ao *corpus* de pesquisa, passaremos, a seguir, à análise dos recortes discursivos de dois entrevistados italianos, os quais nominamos E1 e E3. Eles vieram ao Brasil com o objetivo de melhorar as condições de vida e trabalharam nas indústrias do bairro da Mooca. Hoje, são aposentados e ainda vivem no bairro.

L'analisi

Entre as transcrições das entrevistas e as leituras das bases teóricas, saltaram-nos aos olhos as incidências intradiscursivas relacionadas aos advérbios "aqui", "lá", "cá", "ali" e expressões que se referiam ao Brasil e à Itália, além do nome desses países. Passamos a considerar essa constância "aqui" e "lá" como sendo um "não-lugar" em que se encontra esse sujeito, o qual deixa vazar em seu dizer o estar à deriva. Identificamos, por meio das análises dos recortes dos sujeitos italianos, que esse estar à deriva implica em uma con-fusão[7] de línguas, culturas e filiações.

[7] Termo emprestado de Coracini (2013, p. 45) que significa, em seu estudo, fusão entre as línguas e que acreditamos se estender às culturas e às filiações.

Os primeiros recortes discursivos[8] dos quais nos apropriaremos para as análises são de E1. Neles notamos que esse sujeito exterioriza em seus dizeres, inconscientemente, o constante "aqui" e "lá" da língua que está amalgamado na identidade do imigrante: RD1: "Eu vim para o Brasil// cheguei aqui é// no ano quarenta e nove, cheguei aqua de navio// e cheguei aqui no dia vinte e oito de outubro né do quarenta e nove (...)".

Nesse RD, o sujeito fala sobre a sua chegada ao Brasil e marca o estar em solo brasileiro com o uso do nome do país e dos advérbios aqui e *aqua*. Note-se que há uma fusão do advérbio aqui, utilizado no português e do *qua*, utilizado no italiano, resultando em *aqua*. Observamos as línguas em confluência, uma língua acontecendo na outra.

Esse movimento de hibridização das línguas portuguesa e italiana revela-nos que E1 é um sujeito entre-línguas, o qual "deixa marcas relativas à sua língua materna (ou às outras que o habitam) na elaboração que faz da estrangeira" (CELADA, 2013, p. 71). Podemos dizer que existe uma (trans) fusão das línguas. Essas línguas servem de lugar para que o simbólico e o imaginário se entrelacem na constituição da memória e da identidade do sujeito entre-línguas (ECKERT-HOFF, 2016), sujeito marcado pela alteridade. Eckert-Hoff, cuja história de vida possui as cicatrizes do ser/estar entre as línguas portuguesa e alemã, traz em seus estudos considerações relevantes à nossa pesquisa sobre o sujeito imigrante e seus descendentes, das quais nos apropriamos para depreender desse trecho RD1 a existência de um conflito silencioso no qual estão inseridos esses sujeitos. Eles vivem "nos limiares da fronteira entre o embaralhamento de sotaques e a vigilância do falar correto, já que toda a inscrição na/pela língua se dá pelo desejo do outro/Outro, na ilusão de uma pertença" (*ibidem*, 2010, p. 96).

Podemos inferir a alternância dos advérbios aqui e *aqua* sob esse aspecto: "cheguei aqui é", "cheguei *aqua* de navio" e "cheguei aqui no dia vinte e oito". O imigrante veio ao Brasil na busca de um pai e, para tanto, notamos que nesse processo houve aquisições tanto na língua quanto na cultura e costumes, curso natural de quem deseja pertencer a uma pátria. Entretanto, aquilo que pertence ao sujeito italiano coexiste com o que é adquirido no Brasil, não se apaga: não sabemos onde começa e

[8] Utilizaremos a abreviatura RD para recorte discursivo. Os números que acompanham RD estão de acordo com o número do entrevistado. Logo, RD1 foi extraído dos dizeres de E1 e RD3 extraído dos de E3.

onde termina o que é brasileiro, italiano, *brasiliano*. Estar na fronteira é estar no entremeio, estar à deriva, onde o "*io"* e o "eu" se cruzam e se perdem.

Durante a entrevista E1 enuncia sobre o estar entre Brasil e Itália sob a ótica da nacionalidade:

> RD1: No... a gente io sei… eu sou mais brasileira/ é uma vita que eu tenho no Brasil/ e em na Itália eu nasci em até 20 ano morri/ morri... já foi... eu não me registrei/ não me falei nada de a escrever pra... pra ser brasileira não... não/ isso não/ eu não vou nunca vou refutar a minha pátria né pra dizer que sou brasileira/ mas que eu entendo que eu sou brasileira mais que italiana/ porque é uma vita de 67 ano/ tem gente que se morre a 20.. a 60 ano.. a 67.. não é verdade?

O sujeito E1 começa seu enunciado alternando o *pronomi personali soggetto io* e o pronome pessoal reto eu. Coadunando-nos a Benveniste (2006) trazemos a percepção de que no discurso, todo o homem coloca-se na individualidade por meio do pronome "eu" em oposição a "tu" e "ele". Ao falar de si, a alternância "eu/*io*" pode ser vista nesse recorte como uma concepção inconsciente desse estar à deriva: é um "eu" brasileiro quem fala ou um "*io*" italiano? Por meio da linguagem que o sujeito utiliza para dizer, ele se diz: o que parece lapso da memória, na verdade, é o inconsciente que vem à tona e se faz presente na porosidade da linguagem. Dessa forma, percebemos que "o sujeito é também alteridade, carrega em si o outro, o estranho, que o transforma e é transformado por ele" (CORACINI, 2007, p. 17). O estranho e o familiar caminham juntamente aos enganos e desenganos da incessante busca pela filiação desse sujeito imigrante. Segundo Calligaris (1991),

> o colono, desenraizado, responde à decepção que lhe proporciona o encontro com o colonizador se dividindo entre uma nostalgia imprecisa da cadeia simbólica originária que o expulsou, um apelo infinito a algum pai que nesta terra surja e cuja palavra valha para reconhecê-lo, e a tentativa incessante de produzir uma marca no corpo da terra com a qual ele mesmo se outorgaria sozinho uma origem simbólica: uma fundação (*Ibidem*, p. 99).

Essa busca pela filiação e a nostalgia de poder, um dia, reencontrar o pai real Itália acabou deixando cicatrizes expostas nas falas de E1. Partindo das considerações apresentadas, voltamo-nos ao RD1 de onde depreendemos quatro momentos em que E1 deixa vazar o estar lá e aqui, o estar à deriva, marca da alteridade do sujeito imigrante. Em *eu sou mais brasileira* o sujeito utiliza-se do advérbio de intensidade "mais" para

exprimir uma condição de comparação implícita entre ser brasileiro e ser italiano. Dizer que é mais brasileira quer dizer que é italiana também.

O sujeito, dando continuidade ao enunciado, o que chamaremos de segundo momento, diz "e em na Itália eu nasci em até 20 ano morri/ morri... já foi.."; desse dizer, inferimos que o sujeito é italiano pelo nascimento e explicita a morte do seu "eu" italiano aos 20 anos, remetendo-nos à ideia de que ao chegar ao Brasil, em busca de uma filiação, passou a "ser" brasileira.

Segundo Calligaris (1991) a miséria do país de origem do imigrante o faz reprimir sua filiação e ao solicitar uma nova filiação ao novo pai, que lhe parece real, o imigrante deverá agradá-lo. Dessa maneira, deduzimos que nesses dois momentos do RD1 a inscrição nessa nova filiação se faz presente; entretanto, em seguida nota-se a confusão instaurada em "eu não me registrei/ não me falei nada de a escrever pra... pra ser brasileira não... não/ isso não/ eu não vou nunca vou refutar a minha pátria né pra dizer que sou brasileira".

Nesse terceiro momento, E1 enuncia que não refutaria sua origem italiana para se dizer brasileira. Os advérbios de negação "não", enunciado por seis vezes, e o "nunca" são as cicatrizes por onde podemos inferir a desilusão com o pai que o imigrante encontrara no Brasil, um pai que não lhe dera o interdito paterno, o reconhecimento, a língua.

Em um último momento, E1 retoma sua posição do começo do recorte: "mas que eu entendo que eu sou brasileira mais que italiana". O sujeito volta a fazer uma comparação entre ser mais brasileiro que italiano, de onde depreendemos a situação do estar à deriva, do estar aqui e lá e não estar aqui e nem lá; um sujeito sempre em falta de uma filiação, em busca da unicidade. Tanto o pertencimento a uma filiação quanto a unicidade na língua são ilusórios. A ilusão do "um" é o que traz conforto aos sujeitos que se encontram entre-línguas.

Cabe-nos, ainda, lançar gestos de interpretação às incidências nesse RD referentes à vida e à morte. As palavras "*vita*" e os verbos "nascer" e "morrer" referem-se a um "eu" que ao mesmo tempo que vive está morto e ao mesmo tempo em que está morto, deseja-se ressuscitar. O imigrante deseja enterrar o "eu" para que o "*io"* possa viver, mas ao mesmo tempo, a "*vita"* desse "*io"* não pode acontecer da maneira que seria na Itália, já que se encontra no Brasil e não pode voltar ao solo italiano, pois

"como voltar para a Itália, por exemplo, se saí renunciando, a uma língua que não me reconhecia como sujeito e a língua que escolhi também não me reconheceu?" (CALLIGARIS, 1991, p. 22).

Coadunando-nos à Coracini (2007) entendemos que as imagens de si e do outro (língua e cultura) vão se tornando pouco a pouco o outro de si. A autora traz em seus estudos sobre o discurso imigrante o luto e a inscrição de si às duas formas de luto, o que nos leva a compreender a posição de E1 sobre a vida e a morte.

Segundo Coracini (2007), existe o luto 1, aquele em que o enunciador deseja enterrar o morto, enterrar a língua e a cultura de seu país de origem, apossando-se do que é do outro como se sempre lhe fora seu "sou mais brasileira" "uma *vita* que tenho no Brasil", "e em na Itália eu nasci em até 20 ano morri".

Existe o luto 2, aquele em que Coracini (2007) diz que o enunciador zela pelo morto para que ele continue "vivo". Nesse luto, o enunciado leva-nos a inferir que nada mudou, que o sujeito tentou resistir à absorção da língua e da cultura do país para o qual migrou: "eu não me registrei/ não me falei nada de a escrever pra... pra ser brasileira não... não/ isso não/ eu não vou nunca vou refutar a minha pátria né pra dizer que sou brasileira".

O sujeito utiliza o adjetivo possessivo minha pátria ao referir-se à Itália e nega, veementemente, por meio da incidência dos advérbios de negação, qualquer tipo de maneira de se registrar brasileiro. Notamos que as incidências referentes à vida e à morte nos remetem aos dois tipos de luto e a um sujeito que na busca por uma unicidade não sabe a quem velar. Entre os lutos, entre as línguas, entre as culturas, entre o brasileiro, o italiano, o *brasiliano*, entre o eu, entre o *io*, entre a *vita* e a morte o sujeito imigrante encontra-se em um constante aqui e lá, em um nem aqui e nem lá, encontra-se à deriva.

Em continuação às análises, trazemos recortes discursivos de E3. Da mesma forma que nos dizeres de E1, podemos identificar as cicatrizes no discurso do sujeito do entre-línguas e entre-culturas:

> RD3: Olha é… os costumes de lá que eu comento sempre com a minha amiga aqui/ que mora aqui/ eles têm os costume diferente daqui/ io... io falo... io se tivesse que morar lá eu não ia mais morar lá não/ não me adapto mais lá pelos costume que eles têm/ é, é isso/ a verdade é essa.

Ao falar sobre os costumes dos italianos, E3 diz "eles têm os costume diferente daqui" e "não me adapto mais lá pelos costume que eles têm". O sujeito, que nasceu na Itália, ao enunciar "eles" coloca-se em outro lugar discursivo, o de brasileiro, deixando-se trair pelas palavras. Ele não disse "nós" ou "nosso" costume; disse "eles", costume que "eles" têm. Porém, ao mesmo tempo que se insere no grupo de não italianos, enuncia o *pronome personali sogetto io* no lugar do pronome reto eu, levando-nos a reafirmar o que fora inferido na análise dos RDs anteriores, que o sujeito imigrante se encontra e coloca-se por vezes entre Brasil e Itália. Ao dizer "não me adapto mais lá", E3 traz em seu enunciado as vozes dos italianos, as quais ecoam na memória e constituem sua identidade: italianos que deixaram sua terra em busca de melhores condições e que aqui encontraram trabalho e abrigo, porém, não uma filiação. Esse dizer de E3 permite-nos "ver enlaces e desenlaces do sujeito na, das e pelas línguas, o que indica ruptura, exílio, mas também hospitalidade" (ECKERT-HOFF, 2016, p. 227). Entre exílio e hospitalidade o sujeito imigrante se constitui.

Essa constituição marcada pelo aqui e lá, italiano e brasileiro, pode ser observada no RD a seguir, onde as línguas e costumes brasileiros e italianos acontecem ao mesmo tempo:

> RD3: Ah, o costume io… io mantive, io man… fui mantendo os costumes sempre/ quase sempre/ os meus costume de lá né/ é/ mas eu peguei também um pouco dos costume daqui claro/ a gente tem que se adaptar né/ onde vi… onde mora, onde fica né/ né/ é isso.
> RD3: Não/ não/ não sinto falta não/ io gosto daqui/ gosto/ io… io costumo falar que io... io sou mais brasiliana/ lógico se eu tinha vin… vinte é… vinte pra vinte um quando eu vim aqui/ Sou 61 que tou aqui vê você/ é...
> RD3: Então io me sinto… me considero mais brasiliana que italiana [risos] essa é a verdade [risos]

A alternância entre o "*io*" e o "eu" e o uso da palavra "*brasiliana"* durante o enunciado são marcas do babélico que se instala pela fusão das línguas. Frise-se que é de maneira inconsciente que esse processo acontece, constituindo o sujeito. O processo de constituição do sujeito pelas línguas traz

> sempre consigo consequências profundas e indeléveis (...) serão sempre outras vozes, outras culturas, outra maneira de organizar o pensamento, outro modo de ver o mundo e o outro, vozes que se cruzam e se entrelaçam no inconsciente do sujeito, provocando reconfigurações identitárias, rearranjos subjetivos, novos saberes (CORACINI, 2013, p. 152).

Continuando as análises, no RD anterior E3 enuncia "não me adapto mais lá pelos costume que eles têm*";* já no recorte em questão, o sujeito diz "Ah, o costume io… io mantive, io man… fui mantendo os costumes sempre/ quase sempre/ os meus costume de lá né/ é/ mas eu peguei também um pouco dos costume daqui claro". E3 disse que não conseguia se adaptar aos costumes dos italianos, sendo italiano e os chamando de "eles", excluindo-se do grupo ao qual pertence por nascimento, colocando-se, dessa maneira, como brasileiro. Seguindo a entrevista, o sujeito explicita que mantém os costumes dos italianos, utilizando-se do advérbio "sempre", da locução adverbial "quase sempre" e do pronome possessivo "meus" e o advérbio "lá" relacionados ao substantivo costumes. A partir desse momento podemos inferir que E3 coloca-se como italiano. É um ir e vir entre Brasil e Itália, entre seus costumes e línguas o que novamente nos remete ao estar à deriva. Manter ou não manter os costumes leva o sujeito a (trans) fusão de ambos e o surgimento de algo que o completa: não é o "um" que ele imagina que o constitui, mas são os "uns", os outros que atravessam sua identidade e que os constitui. Da mesma maneira que detectamos nos recortes discursivos de E1 há uma tentativa de apagamento das duas línguas e seus costumes, parecendo-nos essencial para o equilíbrio entre o Outro e os outros.

Cabe-nos ainda trazer à baila os trechos do RD3 em que E3 fala sobre nacionalidade: "io… io costumo falar que io... io sou mais brasiliana" e "então io me sinto… me considero mais brasiliana que italiana". O sujeito utiliza ser mais *brasiliana* e subentende-se mais *brasiliana* que italiana. E3 enuncia por duas vezes "mais" e "*brasiliana*". Apreendemos que ao dizer "mais", deixa no não dito que além de brasileiro considera-se italiano; esse sujeito tenta fazer ainda um apelo ao pai simbólico por uma filiação, eco das vozes outras no discurso do imigrante italiano, refutando de alguma forma sua nacionalidade italiana em troca da brasileira. Associado ao "mais" o sujeito acrescenta "*brasiliana*" e não brasileira. Ora, que maneira é essa de refutar sua nacionalidade em busca de outra se ao enunciá-la não utiliza a língua de origem da nacionalidade pela qual pretende adoção? É um refutar e não refutar o italiano; é um ser ou não ser brasileiro; é ser italiano, brasileiro, *brasiliano*, ítalo-brasileiro; é um ser/estar entre línguas e culturas e encontrar-se à deriva.

E3, assim como E1, é um sujeito imigrante constituído na e pelas línguas brasileiras, portuguesas, italianas, entre outras. Esses sujeitos estão à procura da

unicidade na filiação, na língua, nos costumes, mas são traídos pelas palavras, manipulação do inconsciente, e deixam escapar pelos enunciados que estão à deriva, em um constante aqui e lá, um lá e aqui; não há como separar o *io* do eu, a vida da *vita*, o brasileiro do *brasiliano* já que somos constituídos pelos outros que nos rodeiam.

Palavras finais

A análise aqui empreendida mostra-nos que mais de um século depois, a língua italiana permanece viva, marcada por toda uma história de propagação, mas também de exclusão, que de alguma forma move o sujeito.

Ao deixar sua pátria, os italianos levavam em sua bagagem a esperança de dias melhores, além da língua e de costumes que se difundiram na capital paulista, especialmente na Mooca, bairro essencialmente operário no início do século XX. Por meio da análise de recortes discursivos de entrevistas feitas com italianos residentes nesse bairro, os quais fizeram parte do fluxo migratório, pudemos depreender que o sujeito imigrante (des) encontra-se entre-línguas e entre-culturas, o que marca sua constituição identitária. As vozes do discurso imigrante ecoam a constante busca por uma filiação

Isso nos leva a dizer que há sempre um processo de ruptura, de errância e de inscrição na relação do sujeito com a(s) língua(s). Em vista disso, a relação dos sujeitos italianos com as línguas deixa rastros, ressonâncias, produz memória, desse modo desdobrando, inevitavelmente, efeitos e transformações na constituição linguística e identitária do sujeito.

Estudar sobre a constituição identitária do sujeito imigrante italiano levou-nos a reflexões voltadas a outros grupos de imigrantes, como por exemplo, a dos novos imigrantes – haitianos, bolivianos, sírios. Acreditamos que pesquisas voltadas ao sujeito constituído no entre-línguas possam contribuir com a problematização de políticas para o ensino de línguas nos contextos de imigração, permitindo que essas ações não silenciem as línguas e as culturas trazidas por esses sujeitos nesse cenário.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Heterogeneidade (s) enunciativa (s)*. In: ORLANDI, E.P. & GERALDI, J.W. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas: UNICAMP-IEL, nº 19, jul. /dez., 1990, pp. 25-42.

_____. *Palavras incertas:* as não coincidências do dizer. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Trad. Eduardo Guimarães *et al*. Campinas: Pontes. 2006.

CALLIGARIS, Contardo. *Hello Brasil!* Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil. 2ª edição. São Paulo: Escuta, 1991

CELADA, Maria Teresa. Linguagem/ sujeito: forçando a barra em língua estrangeira. In: CARMAGNANI, A.M.G. & GRIGOLETTO, M. (Org.). *Língua, discurso e processos de subjetivação na contemporaneidade*. São Paulo: Humanitas, 2013, pp. 43-76.

CELADA, Maria Teresa; PAYER, Maria Onice. *Sobre sujeitos, língua (s), ensino*. Notas para uma agenda. In: Celada, M.T.; Payer, M.O. (Org.). Subjetivação e processo de identificação. Campinas: Pontes, 2016.

CENNI, Franco. *Italianos no Brasil: "Andiamo in ´Mérica"*. 3ª edição. São Paulo: Edusp, 2003.

CORACINI, Maria José. *Discurso de imigrantes:* trabalho de luto e inscrição de si. In: Kleuman, A.; Cavalcanti, M. (Org.). Linguística aplicada: suas faces e interfaces. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

_____. *A celebração do outro*. Arquivo, memória e identidade. 2ª edição. Campinas: Mercado das Letras, 2013.

DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo (1880-1945).* São Paulo: Difel/Difusão, 1971.

ECKERT-HOFF, Beatriz Maria. *Escritura de si e identidade:* o sujeito-professor em formação. Campinas: Mercado das Letras/FAPESP, 2008.

_____. *Língua, memória, imigração:* errâncias e travessias em relatos de cartas. In: Payer. M.O; Celada, M.T. Subjetivação e processos de identificação: sujeitos em práticas discursivas-inflexões no ensino. Campinas: Pontes, 2016.

LUPIA, Márcia de Oliveira. *Discurso, memória e identidade na Mooca:* efeitos da imigração italiana. Dissertação de Mestrado. Universidade Cruzeiro do Sul, 2017.

ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento:* as formas do discurso. 5ª edição. Campinas: Pontes, 2009.

PAYER, Maria Onice. *Imigração à deriva e efeitos de extraposição discursiva*. In: Flores, G.; Neckel, N.; Gallo, S. Análise do Discurso em rede: cultura e mídia. Campinas: Pontes, 2015

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso:* uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora Unicamp, 1995.

Recebido em agosto de 2018
Aceito em setembro de 2018